



# O CONCEITO DE LUGAR, O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E A PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA NUM POVOADO SERTANEJO EM ALAGOAS

**Juliana dos Santos Lima**  
julianabk2017@gmail.com<sup>1</sup>

## Resumo

*Este texto traz breves reflexões acerca do conceito de Lugar, do método fenomenológico e da prática de Ensino em Geografia num povoado rural em Alagoas. Assim sendo, busca-se através deste, demonstrar a inerência presente entre a Fenomenologia, a Geografia e a valorização dos significados vivenciados e experimentados no Lugar. Para mais, sugere-se que o Ensino de Geografia considere as experiências individuais dos estudantes como meio de aproximação teórica, modelo primeiro de reflexão. Corroborando, nesse sentido, no processo de internalização dos conhecimentos transmitidos em sala de aula, no processo de reconhecimento pessoal e coletivo, no processo de afirmação de vivências e afetividades para com o lugar vivido.*

**Palavras-chave:** Geografia, vivência, método.

## Introdução

O presente trabalho pretende ser um breve exercício de reflexão acerca do Conceito de Lugar, do método fenomenológico e do Ensino de Geografia. A discussão acerca de ambos os temas traz em face reflexões ainda introdutórias, fruto de iniciação científica e de exercícios de interpretação.

Em vista disso, busca-se trazer o foco para a relevância do conceito de Lugar enquanto local de conhecimento e saber geográfico; bem como, local de valorização das identidades, das memórias, das experiências, dos símbolos e significados reproduzidos. Arelado a isso, propõe-se que o lugar de vivência dos estudantes seja trabalhado também nas aulas de Geografia.

A realização deste trabalho se deu, primordialmente, a partir de pesquisas bibliográficas e documentais, tendo como autores basilares Sokolowski (2012), Santos (2010), Leite (2018), Lima et Silva (2020), Chauí (2009), Zilles (2010), entre outros.

---

<sup>1</sup> Graduanda no Curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, bem como, membro do Grupo de Estudos Sociedade & Natureza – GESN, também na UFAL. Este trabalho é produto de pesquisa de iniciação científica.



## Breves considerações acerca da Fenomenologia e do Método Fenomenológico

Husserl (1859-1938), Heidegger (1889-1976), Sartre (1905-1980) e Merleau-Ponty (1908-1961) são, de acordo com Feijoo et Mattar (2014), os mais citados autores no debate acerca da fenomenologia, tendo como precursor o alemão Edmund Husserl.

Acerca da fenomenologia, Sokolowski (2012, p. 22) diz que:

o termo ‘fenomenologia’ é uma combinação das palavras gregas *phainomenon* e *logos*. Significa a atividade de dar conta, fornecendo um *logos*, de vários fenômenos, dos vários modos em que as coisas podem aparecer. Por fenômenos (*phenomena*) nós queremos dizer, por exemplo, retratos em vez de simples objetos, eventos lembrados em vez de antecipados, objetos imaginados em vez de percebidos [...] (SOKOLOWSKI, 2012, p. 22).

A partir do que foi exposto por Sokolowski, podemos verificar que a fenomenologia traduz a atividade de dar conta de algo. Esse ‘algo’ está diretamente ligado à linguagem, à interpretação, à expressão. Ou seja, o termo fenomenologia designa a atividade de dar conta de um fenômeno que é interpretado através da linguagem, do discurso, da narrativa. Na fenomenologia, as aparências são consideradas tais como elas se apresentam. Logo, cada manifestação carrega consigo um significado, uma especificidade, uma essência e um sentido. Desse modo, pensar fenomenologia é pensar em interpretação, imaginário, apresentação fenomênica.

Para Feijoo et Mattar (2014, p. 442), “a fenomenologia nasce de uma inspiração de Husserl frente ao problema da busca do elemento universal presente nas filosofias modernas”. Essas filosofias modernas – idealismo<sup>2</sup> e realismo<sup>3</sup> – buscam alcançar uma verdade universal para todos os acontecimentos do Universo. Todavia, acabaram polarizando a busca por essa verdade dita universal. Ou seja, idealismo e realismo foram individualizados e considerados partes independentes, não inerentes.

Husserl, nesse contexto, apontou para a inerência presente entre ambas as partes. Dessa maneira, para ele, não havia como separar o sujeito do objeto, o real do subjetivo. Sobre o exposto, Marilena Chauí (2009) explica que o corpo, o mundo, os sentidos e as experimentações são pontos

---

<sup>2</sup> Ênfase no sujeito do conhecimento, nas ideias, na subjetividade. O mundo e tudo aquilo que se percebe são apenas representações imperfeitas de um mundo superior a este, cuja essência das coisas se faz presente na mais perfeita harmonia. O mundo não é tal como ele é, é apenas uma apresentação grosseira de uma realidade (de um outro mundo) que só pode ser vivenciado, verdadeiramente, no plano das ideias.

<sup>3</sup> Ênfase no objeto, na materialidade, apresentação, manifestação. O mundo e todas as coisas que se apresentam nele são reais, portanto, conhecidas pelo modo como se manifestam a nossa consciência.



constituintes e inerentes na formação e constituição da consciência humana; logo, interfere, também, no modo como vivenciamos o mundo. Dessa maneira, Husserl e Chauí sinalizam uma mesma concepção, a de que não tem como individualizar a indissociabilidade presente entre sujeito e objeto, pois ambos se complementam. Realidade e subjetividade. Matéria e essência. Corpo e mente.

De acordo com os escritos de Feijoo et Mattar (2014), Husserl utilizou-se do método fenomenológico para investigar o fenômeno da consciência. Para isso, ele deixou, inicialmente, em suspenso, todas as suas concepções, teorias e pré-conceitos acerca da consciência; neutralizou todas as possíveis intervenções externas ao fenômeno que percebia. Além disso, a partir do momento em que ele suspende os seus juízos acerca das coisas, ele também passa a alcançar a essência daquilo que está sendo mostrado, ou seja, consegue extrair o significado do fenômeno que se apresenta a sua consciência. Deste modo, “encontrou a essência da intencionalidade<sup>4</sup> como espaço de dação dos objetos, ou seja, os fenômenos” (FEIJOO et MATTAR, 2014, p.443).

Seguindo essa linha de pensamento, Zilles (2010) cita que:

O primeiro passo do método fenomenológico consiste em abster-se da atitude natural, colocando o mundo entre parênteses (*epoché*). Isso não significa negar sua existência, mas metodicamente renunciar ao seu uso. Ao analisar, após essa redução fenomenológica, a corrente de vivências puras que permanecem, constata que a consciência é consciência de algo. Esse algo chama de **fenômeno** (ZILLES, 2010, p.18, grifo do autor).

Nessa perspectiva, pode-se verificar que o método fenomenológico, necessariamente, requer a abstenção de tudo aquilo que é externo ao fenômeno, ou melhor, de tudo aquilo que afasta a consciência da verdadeira essência do objeto. Portanto, deve-se abster da atitude natural e encontrar o que o autor chama de “redução fenomenológica”. A atitude natural, segundo Reis (2014, p.7), se trata de um modo de comportar-se frente à experiência. Ou seja, o sujeito não aguça a sua criticidade acerca do objeto, não busca ir além da aparência daquilo que está sendo percebido. Logo, superar a atitude natural significa caminhar para a atitude fenomenológica; esta, que requer interpretação, questionamento frente aos fenômenos que se apresentam à nossa consciência.

Acerca do exposto, percebe-se que o método fenomenológico é fruto de inquietações vivenciadas por Husserl, frente à dicotomia existente e presente entre o real e simbólico, entre o

---

<sup>4</sup> A doutrina da intencionalidade, então, estatui que cada ato de consciência está direcionado de algum modo a um objeto de algum tipo. A consciência é essencialmente consciência ‘de’ algo ou de outrem (SOKOLOWSKI, 2012, p.18).



objetivo e subjetivo e, entre o sujeito e o objeto. O método fenomenológico é, portanto, o resultado da relação indissociável entre sujeito e objeto. Para tanto, levando em consideração tais especificidades, tal método, na Geografia, se apresenta como ponto importante e necessário, seja teórica, seja metodologicamente.

### **Fenomenologia e Ensino de Geografia**

Como já mencionado anteriormente, a fenomenologia toma como aspecto bastante importante, a relação entre sujeito e objeto, nem tão somente sujeito, nem tão somente objeto, mas a inerência entre esses pares. Portanto, considera, o sujeito do conhecimento e o objeto possível de ser conhecido.

A fenomenologia alarga a possibilidade das atividades de reflexão dos alunos frente às suas próprias realidades, seus modos de ser e de estar no planeta, bem como caminha para uma melhor percepção e compreensão dos fenômenos que se apresentam a cada um deles. Acerca do mencionado, Paiva (2009, p.90) cita que "...a fenomenologia permite que os educadores no Ensino de Geografia se tornem mais atentos e reflexivos sobre a realidade e o modo de ser dos educandos, abrindo novos horizontes de percepção do ambiente". Ou seja, a fenomenologia amplia as possibilidades de reflexão, justo porque considera outros horizontes de percepção diferentes daqueles já pré-definidos.

Ainda tomando Paiva (2009) como base, percebe-se que a geografia enquanto um dos discursos da educação pode proporcionar que os educandos consigam apreender em si mesmos a formação das relações espaciais através da percepção corporal para, posteriormente, valorizarem a diversificação dessas relações no outro (PAIVA, 2009, p.14). A partir do exposto, verifica-se que a Geografia pode atuar de modo a ensinar a percepção corporal no sentido de despertar as sensibilidades dos estudantes. Ou seja, potencializar o nível de análise, interpretação e percepção para além do mero observar. A Geografia é também fenomenologia.

Semelhante à linha de pensamento de Paiva (2009), Nascimento et Costa (2016, p.45) explicam que:

As coisas não apenas existem, mas também se manifestam si mesmas como o que elas são. Descrição como estas, ajudam o indivíduo a entender ainda mais o conhecimento humano em todas as suas formas e formalidades, e também ajuda a compreender os diferentes modos em que se pode estar relacionado ao mundo em que se vive, ou ainda, em que o sujeito faz parte. (NASCIMENTO et COSTA, 2016, p.45)



Desse modo, tudo que se manifesta carrega consigo um significado. Sendo assim, as coisas não são cristalizadas em núcleo de significados definitivos e imutáveis. Cada sujeito deve ser livre para construir as suas próprias experiências, os seus próprios significados, a sua própria maneira de entender, sentir e compreender o mundo. Portanto, a subjetividade enquanto resultado das leituras de mundo, necessita ser valorizada e considerada como uma forma de aprender e apreender, pois, é também conhecimento. É um meio para conhecer.

Nota-se que a Fenomenologia e o Ensino de Geografia são campos que quando andam juntos, proporcionam aos alunos uma percepção não tão fragmentada da realidade vivenciada. Em vista disso, para além da descrição e da observação, existe a possibilidade da interpretação e da experimentação através dos sentidos. Ademais, oportuniza o processo crítico reflexivo dos estudantes em face daquilo que está sendo apresentado, vivenciado, observado e experimentado no espaço vivido.

### **Pensando o Lugar no Ensino de Geografia**

De acordo com Leite (2018), Lugar é um conceito que perdura já há algum tempo. Na Ciência Geográfica, tal conceito constituiu-se segundo uma perspectiva analítica das filosofias do significado, como por exemplo, as vertentes da fenomenologia, do existencialismo, idealismo e da hermenêutica. Segundo a autora, tais filosofias se opunham a uma outra vertente filosófica, o positivismo, fortemente influenciada por teóricos como Ratzel, La Blache, Reclus, entre outros.

Considera-se, a partir do exposto, que Lugar passa a ter centralidade na Geografia a partir de filosofias como o existencialismo e a própria fenomenologia. Ou seja, correntes que valorizam as subjetividades presentes nas ações dos sujeitos e, também, os significados existentes nos objetos vistos, apreendidos e interpretados pelos mesmos.

Similar à menção anterior, Leite (2018) afirma que:

...o lugar assume uma personalidade, que se manifesta na história de cada sujeito, constituindo-se realidade na consciência individual, a partir do relacionamento com o espaço. O Lugar é um núcleo de significados imprescindível para a configuração da identidade individual de cada sujeito, membro de uma determinada comunidade. Assim, é possível afirmar que conceito de lugar passa a ser compreendido como uma categoria da Geografia, que transcende a delimitação espacial de porção de terra, que está contemplada numa dimensão subjetiva das mentes, memórias e histórias de vida, articulada por uma relação emocional entre sujeitos (LEITE, 2018, p.08).



Sendo assim, Lugar quando visto pelas lentes da fenomenologia, ultrapassa o aspecto locacional. Transcende a ideia de um pedaço de terra com delimitação, de um recorte de chão qualquer na imensidão do mundo. Verifica-se que tal conceito abrange um núcleo de significações, ou seja, para além de um espaço habitado por indivíduos, existe um Lugar dotado de valor, um valor que se configura em (lembranças, vivências, experimentações individuais e coletivas, tradições, cultura, símbolos de vida, etc). Nesse sentido, é importante destacar que nessa dimensão de análise, o que define o Lugar são os aspectos simbólicos e afetivos do sujeito para com o espaço vivido, habitado. Logo, Lugar nada tem a ver com localização, mas com significação.

Pensando o conceito de Lugar no Ensino de Geografia, nota-se um aspecto importante a ser considerado com maior ênfase nas instituições de ensino; as experiências dos estudantes. Reforçando a proposição anterior, Santos (2010) cita que "...à disciplina Geografia cabe não somente levar o aluno a um entendimento da dimensão espacial na sociedade como um todo, mas, encontrar meios de contextualizar esse ensino, considerando também o espaço vivido do/pelo aluno" (SANTOS, 2010, p.64). Nota-se, que compete à Geografia encontrar formas de considerar, ou melhor, validar as experiências dos alunos aliando-as aos conteúdos e as necessidades teóricas da própria Ciência Geográfica.

Não se trata, portanto, de excluir as especificidades da disciplina, mas de adaptar e incluir as vivências dos alunos frente a tais necessidades teóricas. O aluno não é um indivíduo inerte, e não vive em uma bolha de proteção. Cada aluno vivencia o mundo de um modo diferente e carrega consigo experiências de vida e convívios sociais singulares ao seu lugar de permanência e é importante que ele compreenda a realidade a qual está inserido. Dessa maneira, faz-se importante que o Ensino de Geografia considere também esses fatores, que se mostram inegavelmente relevantes na construção dos conhecimentos geográficos dos estudantes à luz dessa associação.

### **Práticas de Ensino de Geografia num povoado Sertanejo em Alagoas**

A Comunidade Rural Serra do Cavalo está inserida no Município de Água Branca, interior do Sertão Alagoano. A Serra do Cavalo tem cerca de 2.000 habitantes e está localizada em altitudes que giram entorno de 700m a 750 metros de altitude acima do nível do mar.

Em um estudo desenvolvido por Lima et Silva (2020) nessa Comunidade Rural, foram conferidas algumas vivências referentes ao Lugar e ao sentido de apego com o Lugar. Nelas, verificou-se que para os moradores locais, os lugares são relevantes do ponto de vista de afirmação



das histórias pessoais e coletivas. Ou seja, ter orgulho de ser nascido e de participar da vida comum aos demais residentes da Serra, local de aprendizagens e de desenvolvimento pessoal junto aos ambientes familiares [...] (LIMA et SILVA, 2020, p. 72). Ou seja, tais lugares se apresentam como sendo a própria extensão dos valores antes interiorizados pelos sujeitos. O próprio núcleo de consolidação desses significados. Desse modo, Lugar não se resume a um recorte espacial, mas a um local de afirmação e firmação de identidades, de memórias, de tradições, de aprendizados, experimentações, cujas realizações são vivenciadas individual e coletivamente.

Seguindo essa linha de pensamento, Lima et Silva (2020) assim, como, Mendes et al (2017) entendem o Lugar como um núcleo de vivências importante para o reconhecimento pessoal e para a prática reflexiva. Sendo assim, Mendes et al (2017) explicam que o ensino de Geografia por meio do Lugar fornece grandes contribuições no processo de aprendizagem dos alunos. Para os autores, devido ao fato de se tratar de um conhecimento vinculado à realidade dos estudantes, ou seja, às vivências e experiências, o aprendizado por partes destes se torna ainda mais significativo, uma vez que esses saberes são baseados em suas cotidianidades. Desse modo, o aprendizado se torna mais compreensível, haja vista que o estudante se vê inserido naquele contexto.

Conferiu-se, ainda, na pesquisa de Lima et Silva (2020), que o 'lugar' representa o resultado de um processo de significação relativa ao espaço e às circunstâncias de vivências e experiências culturais com o meio e com os seus pares. Ou seja, o lugar seria uma combinação de significações, vivências, assim, como, de símbolos efetivados e outros em constante construção. Sobre o exposto, nota-se que o lugar é também espaço de conhecimento, de trocas, de aprendizado, de afloramento cultural. Nesse sentido, é importante realocar esses saberes para a sala de aula, para a disciplina de Geografia. É válido fazer uso desses saberes nas aulas de Geografia, é importante refletir sobre a comunidade em que se vive, o lugar em que se habita, afinal, esses espaços vividos também são locais de aprendizados, de saberes geográficos.

Acerca do exposto, Santos (2010) diz que é interessante valorizar o lugar onde os alunos vivem, onde consagram as suas experimentações de vida. Essa correlação entre a realidade do lugar do aluno, com uma realidade social mais complexa (bairro, comunidade, cidade) facilitará o processo de internalização de cada conceito, de cada tema ensinado ao estudante. Além disso, (SANTOS, 2010, p. 66) complementa que "a partir do momento em que esses aspectos são



observados no processo ensino-aprendizagem, o aluno tem a possibilidade de aprender Geografia a partir da sua vida e do seu espaço vivido”.

Novamente, reitero, que não se trata de colocar o estudante em um cubo. Privando-o da complexidade do mundo, externa ao lugar de vivência. Pelo contrário, essa relação é necessária e importante para a construção do conhecimento crítico e reflexivo. Propõe-se, então, a partir de tais parâmetros, demonstrar que as memórias, as relações, os significados e os sentimentos experimentados no Lugar também são questões extremamente necessárias para a consolidação de um processo crítico e reflexivo mais efetivo. Ou seja, ao trabalhar o Lugar do aluno, o mesmo estará conhecendo melhor seu local de vida cotidiana (...) aguçando assim sua capacidade de analisar esses lugares e compreendê-los em sua multiescalaridade (...) não de forma linear (LEITE, 2012, p.7).

**Quadro 1.** Sugestão para um plano de aula de Geografia usando o Conceito de Lugar.

<b>NÍVEL:</b> Ensino fundamental II
<b>DURAÇÃO DA AULA:</b> 50 min
<b>OBJETIVOS (conceituais, procedimentais e atitudinais)</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Compreender como o 'lugar' é construído</li><li>✓ Desenvolver a interpretação a partir das narrativas dos moradores locais com vista para o sentido de lugar</li><li>✓ Refletir sobre como as experiências, as vivências, as tradições, a cultura e as inter-relações são importantes no processo de identificação e apego com o lugar</li></ul>
<b>TEMA:</b> O conceito de Lugar: Vivências e experiências
<b>CONTEÚDOS</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Lugar</li><li>✓ Lugar e construção de significados</li><li>✓ Lugar e formação de nossa identidade</li><li>✓ Identidade de lugar</li></ul>
<b>PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Aula expositiva dialógica</li><li>✓ Leitura e interpretação</li><li>✓ Exercícios de reflexão</li></ul>



## RECURSOS

Quadro, fragmentos de relatos ou exposição de narrativas de viventes da comunidade

## AVALIAÇÃO

Acontecerá de modo processual, considerando os diversos elementos do decorrer da aula. O principal instrumentos de avaliação será a produção textual final.

## Considerações Finais

A partir do exposto, verifica-se que o método fenomenológico é um meio extremamente profícuo para a valorização dos aspectos simbólicos decorrentes da experiência humana. Experiência que não se esgota na aparência das coisas. Experiência que não se limita aos limites do real e do material, mas que resulta da inter-relação entre o sujeito que conhece e o objeto que é passível de ser conhecido. União indissociável.

Para mais, a fenomenologia se apresenta também como um método inegavelmente importante para Ensino de Geografia, visto que possibilita um olhar mais aguçado e efetivo para com as vivências dos estudantes. Por conseguinte, o método fenomenológico propicia o realce das particularidades de cada aluno, estes, que por sua vez, caminharão para o autorreconhecimento de si próprios e do lugar que cada um ocupa na totalidade do espaço. Um reconhecimento que não se encerra em si mesmo, mas que está em constante transformação, perdas e adições. As relações se modificam e as vivências também. Justo por isso, é importante levar essas subjetividades para sala de aula, para a escola de modo geral.

Conhecer o lugar em que se vive, não isolará o aluno da realidade dos outros lugares e dos outros espaços, pelo contrário, fará com que ele consolide a sua identidade e se reconheça frente à complexidade desses outros locais e das relações que os permeiam. Conhecer o Lugar em que se vive e ter esse mesmo Lugar considerado e trabalhado na sala de aula como um modelo primeiro. Ademais, possibilitará uma melhor compreensão empírica e, também, teórica, do seu cotidiano (algo mais restrito), bem como a compreensão de uma organização social mais ampla (a Comunidade, o Município, o Estado, a Sociedade) em que se vive.

## Referências

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. 13.ed. São Paulo: Ática, 2009.



FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Instituto de psicologia fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Vol. 30, n. 4, p. 441-447, out./dez, 2014.

LEITE, Cristina Maria Costa. O conceito de Lugar na perspectiva da Geografia Escolar. **Itinerarius Reflections**, Goiás, v.14, n.2, p.1-18, 2018.

\_\_\_\_\_. **O lugar e a construção da identidade**: os significados construídos por professor de geografia do ensino fundamental. 222 f., 2012. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Educação, Programa de pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, 2012.

LIMA, Juliana dos Santos; SILVA, Kléber Costa da. A comunidade Rural Serra do Cavalo, Água Branca-AL: Relato de experiências de observação e interpretação sobre apego ao Lugar. In: SILVA, Kléber Costa da. (org.). **Olhares Geográficos sobre o Sertão de Alagoas**. Delmiro Gouveia: Agbook; Clube de autores, 2020. p.61-77.

MENDES, Raquel Almeida; SOUSA, Elaine da Silva; PEREIRA, Aires José. A importância da categoria lugar no ensino de Geografia: um estudo de caso na escola estadual modelo em Araguaína -TO. **Revista Tocantinense de Geografia**. Tocantins, n.11, p.153-169, set./dez, 2017.

PAIVA, Rogério alves de. **Contribuições da fenomenologia para o Ensino da Geografia**. 2009. 101f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2009.

REIS, Maurício de Assis. Da atitude natural à atitude fenomenológica: a fenomenologia e sua inspiração cartesiana. **Revista Eletrônica de Filosofia**. Minas Gerais. Vol. 2, nº 2, p.04-20, jan./jul, 2014.

SANTOS, Laudénides Pontes dos. **O estudo do Lugar no ensino de Geografia**: os espaços cotidianos na Geografia Escolar. 2010. 159f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestálica**. Goiás. vol. 13, n. 2, p. 216-221, jul./dez, 2007.